

## *ENTREVISTA COM GUSTAVO BERNARDO*

Ieda Maria Sorgi Pinhaz **ELIAS**<sup>1</sup>

O grupo de alunos do PIBID-Português<sup>2</sup>, turma 2015, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* de Cornélio Procópio, entrevistou o escritor Gustavo Bernardo, autor de *A Filha do Escritor* (2008). O referido romance orientou a intervenção no espaço escolar, voltada para o Letramento Literário, a partir dos pressupostos de Rildo Cosson<sup>3</sup> (2009), no desenvolvimento de atividades sistematizadas de leitura literária, tendo em vista a abordagem de obras pertencentes ao acervo distribuído às escolas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola/MEC.

A entrevista com Bernardo ocorreu no dia 3 de novembro de 2015, via Skype, no Laboratório de Informática do Colégio Estadual Zulmira Marchesi, Cornélio Procópio, PR, contando com a participação dos pibidianos – graduandos e supervisora –, da coordenadora do subprojeto, Ana Paula Franco Nobile Brandileone e da colaboradora, Vanderléia da Silva Oliveira, bem como dos alunos da primeira série do ensino médio da referida escola, na qual as atividades foram desenvolvidas.

Gustavo Bernardo, além de ser escritor, é doutor em Letras e professor universitário na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de diversos romances, contos, ensaios, coletâneas, dentre outros textos. Sua página oficial na *Internet* está disponível em: <<http://www.gustavobernardo.com/>>.

Abaixo, a entrevista transcrita pelos bolsistas de iniciação:

### **PIBID-PORTUGUÊS: Como surgiu seu interesse pela leitura?**

**GB:** Eu só conseguia encontrar sentido em uma aventura quando eu lia. Então desde criança surgiu meu interesse pela leitura e a vontade de ficar do outro lado. Do outro lado, o ideal

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora da Faculdade Dom Bosco, Cornélio Procópio/PR. Professora titular na Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná (SEED). Integrante do Grupo de pesquisa Crítica e Recepção Literária (CRELIT-UENP/Cornélio Procópio). Endereço eletrônico: iedapinhaz@gmail.com.

<sup>2</sup> O subprojeto PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/CAPES, intitulado “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual”, Eixo 1 - Letramento Literário, é coordenado pela Profa. Dra. Ana Paula Franco Nobile Brandileone, com a colaboração da Profa. Dra. Vanderléia da Silva Oliveira, contando com dois professores supervisores da rede básica de ensino e onze bolsistas de iniciação à docência.

<sup>3</sup> COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 3 ed. Ed. Contexto: São Paulo, 2009.

seria eu ser um dos personagens, das histórias que eu lia. Como isso não era possível, desde criança surgiu a vontade de escrever e estar do outro lado do livro.

**PIBID-PORTUGUÊS: Quais escritores você mais gosta?**

**GB:** Gosto de muitos escritores, que varia muito no decorrer do tempo. Mas aqueles que eu volto sempre são os clássicos: Miguel de Cervantes, autor de *Dom Quixote*, e Machado de Assis que, por exemplo, é um autor que eu leio e releio a obra inteira várias vezes. Ao contrário do que muitas vezes na escola possa parecer, Machado de Assis é um autor muito fácil, muito divertido, por isso que eu gosto e leio bastante. Não é à toa que eu criei a obra *A filha do Escritor* a partir da obra dele, da história de vida dele.

**PIBID-PORTUGUÊS: Em que momento da sua vida você percebeu que queria ser escritor?**

**GB:** Eu acho que desde criança eu queria ser escritor, desde pequeno quando comecei a aprender a ler eu quis ser escritor, estar do outro lado. Acho que desde esse momento eu fui escrevendo, desde criança eu fui escrevendo... Me destacava em redação na escola e depois ia tentando escrever contos, romance. Escrevi romance com 10 anos, mas claro, com o tempo eu achava que ficava muito ruim e jogava fora, escrevi romance com 15 anos, depois com 18, mas com o tempo jogava fora. Até conseguir escrever o meu primeiro romance *O pecado ou Pedro Pedra* saiu em 1982. Foi a partir daí que eu tive uma certa regularidade para escrever romances.

**PIBID-PORTUGUÊS: Você frequentou algum tipo de estudo/curso, que contribuiu para desenvolver sua habilidade narrativa?**

**GB:** Na verdade não, e isso sempre me fez falta, fazer algum curso que desenvolvesse minha habilidade narrativa. Isso é um problema nos cursos de Letras do país todo. Como muita gente, eu entrei no curso de Letras pela vontade e pelo gosto de ler, pela minha vontade de escrever e o curso de Letras tem um efeito negativo sob quem gosta de escrever. Diferente de quem faz Música, que tem que aprender a tocar um instrumento, ou quem faz Teatro que sobe no palco toda hora, quem faz Letras costuma parar de escrever. Então isso é algo que eu tenho brigado durante minha vida inteira, é manter meu desejo de escrever. Apesar do curso de Letras, apesar de também ser professor, é buscar desenvolver esses setores, mas buscar desenvolver isso no próprio curso de Letras é uma briga difícil, mas a gente resolve. Sou professor do instituto de

letras da UFRJ há muito tempo, e procuro tentar junto com esse curso a vinda também do prazer de escrever.

**PIBID-PORTUGUÊS: Você prefere escrever livro ou dar aulas?**

**GB:** Se eu prefiro o professor ou o escritor? Sem dúvida eu prefiro o escritor. Eu fazia Letras para me tornar professor, mas eu não tinha no meu horizonte me tornar professor. Eu sempre quis ser escritor, acho que acabei me tornando um professor muito bom, até melhor que escritor, mas não era essa minha vontade. Sem dúvida, o que eu pretendia desde o princípio era ser escritor. Só que hoje se você me perguntar *o que sou? Qual é minha profissão?*, eu sempre respondo professor, eu sei que sou professor. Eu sei que sou um... Eu acho... Eu acho não, eu sei que sou um bom professor, mas nunca sei se sou um bom escritor. Publiquei muitos romances, está para sair o décimo segundo, então eu ainda não sei se sou um bom escritor, dependendo muito dos leitores diferentes, que estão sempre me desafiando a cada livro, a cada página que eu escrevo.

**PIBID-PORTUGUÊS: Além de escritor, você também é funcionário público e pesquisador. Para você, ser escritor é uma profissão ou um *hobby*?**

**GB:** Ser professor não é um *hobby*, não! Na verdade eu sobrevivo como professor. Ser escritor neste país não dá dinheiro para sobreviver. Na verdade, eu sobrevivo bem, me alimento, como professor. Meus livros nunca foram *best-sellers*, nunca foram os mais vendidos da lista, mas sempre venderam, então, dificilmente um livro meu não lança. Eles chamam de livro de longo curso, mas não dá pra ganhar dinheiro, ou só desta profissão eu sobreviver. Na verdade, ser professor é a minha profissão, sem ela eu iria morrer de fome, ser só escritor não iria dar não.

**PIBID-PORTUGUÊS: Como você avalia o espaço que a leitura do texto literário tem ocupado na Educação Básica?**

**GB:** Eu creio que o texto literário vem preenchendo um espaço fundamental, um espaço considerável na educação básica, eu queria que fosse um espaço maior, mas acho que é um espaço razoável. Ele vai perdendo os espaços ao decorrer do tempo. Ainda que continue se trabalhando com literatura no ensino médio, este espaço já foi maior, ele perdeu força. E muitas vezes se ensina literatura não para ensinar literatura, mas sim ensinar a história da literatura, o que faz com que a aula de literatura fique muito *puxada* para o professor de literatura. O ensino de literatura depende muito da paixão de certos professores, muitas vezes a aula é chata porque,

principalmente no ensino médio, ela se transforma em uma coisa como a história da literatura, a história dos estilos de época e deixa fatigado o aluno. O aluno precisa pensar, pensar diferente e se colocar no lugar do outro e a literatura tem este papel fundamental de fazer com que as pessoas se coloquem no lugar do outro, que a gente não conhece. Muito difícil expressar o que a gente lê num livro, que a gente, com muita facilidade, se coloca na posição do personagem, se coloca na posição do narrador, você se coloca no lugar deste outro fictício. Então a gente aprende. É uma lição muito grande ver o outro diferente da gente, inteiramente diferente. E acho que esta é uma espécie de lição de tolerância. Esta função da literatura muitas vezes é escondida nestas aulas de história da literatura, que muitas vezes acabam, ainda que necessárias quando se tornam a única base do ensino, elas vão esmagando a força que a literatura pode ter de fazer pensar, de fazer pensar diferente.

**PIBID-PORTUGUÊS: Você imaginou a possibilidade desta obra ser lida em um projeto como este, com cada aluno tendo um exemplar em mãos, e ainda o estudo amparado por uma metodologia?**

**GB:** Eu acho o projeto, como um todo, ótimo. Melhor ainda vocês trabalhando com um livro meu, relacionando com as discussões que vocês têm no curso normal de vocês, acho especialmente ótimo. Gostaria até de saber os comentários que vocês têm, isso pode ser mandado por e-mail, ficarei contente em responder os comentários, as análises, a reação que vocês tiveram lendo meu livro. Isso seria muito legal, inclusive as reações negativas, “não gostei por causa disso, não gostei por causa daquilo...” também é bom da gente ouvir. Estou sempre querendo saber o que os leitores acharam do livro. Dentro deste grupo, fiquei com vontade de saber o que vocês pensaram do livro.

**PIBID-PORTUGUÊS: Qual foi o seu primeiro livro? Ele foi publicado?**

**GB:** O primeiro livro que eu escrevi foi um romance juvenil chamado *Pedro Pedra*. Até hoje ele é o mais vendido, já passou por quatro edições diferentes, hoje está na editora Rocco. Teve um sucesso muito grande. Pedro e Maria são personagens adolescentes, de classe média baixa, inspirados um pouco da minha própria história, mas muito da minha observação, pois minha própria história nunca é muito interessante, então eu observo o que pode ser interessante. Foi assim que eu desenvolvi esse livro. Para publicar o primeiro livro é sempre muito difícil, o lema básico de quem quer ser escritor é insistir e resistir, ou seja, resistir aos não. As coisas que você tem que fazer é escrever, mandar pra pessoas, mandar pra escritores, pedir aos professores

para ler, pedir a outras pessoas, mandar para editores, ou seja, é receber um monte de recusa, receber um monte de não. E você vai colecionando esses não, nunca desistindo. Até que uma hora vai manda-lo para concurso. No caso específico deste romance, *Pedro Pedra*, eu ganhei um prêmio literário, um prêmio muito bom da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, foi o que facilitou a publicação dele depois, porque ele se destacou.

**PIBID-PORTUGUÊS: Seu último romance *Nanook* está para ser lançado. Você poderia falar um pouco sobre ele?**

**GB:** Eu sempre faço um ensaio acadêmico, leio um romance regulado, então nesse romance é uma espécie de realização num ensaio que eu escrevi chamado *A Ficção de Deus*. Eu tento ver a presença de Deus na ficção. É importante alertar que eu na verdade sou um ateu que admira muito quem crê, e admira muito as figurações religiosas e ficções religiosas. Então eu tentei fazer esse romance entendendo que a prenda partiria *Nanook* pra trazer Deus à terra. Na verdade, ele vai vir pra achar uma cidade mineira, chamada Ouro Preto, onde tem muitas igrejas. Só que o Deus dos inúteis não é feito à nossa imagem e semelhança, não é um ser de forma humana, na verdade ele é um urso polar gigantesco. Então eu trouxe pra minha história esse urso polar, a partir de eventos apocalípticos no planeta inteiro, em que fica muito frio no planeta inteiro e ao mesmo tempo desaparecem todos os ursos polares. De repente, do nada, desaparecem e começam a surgir, começam a aparecer na cidade de Ouro Preto. E nesse momento em que aparece em Ouro Preto, vem atrás dos muitos ursos, *Nanook*. Quer dizer, vem o Deus, o Deus que se fez, que é um urso polar gigantesco, ele sai da igreja de São Francisco de Assis e tinha que ser em Ouro Preto. E claro, tem mais personagens na história, tem um personagem que se chama Bernardo, que é o meu nome, mas também significa urso amado. Esse personagem vai anunciar a chegada de *Nanook*. Ele é internado como louco e aos poucos vai se vendo que tudo o que ele fala vai acontecendo. Acontece na cidade de Ouro Preto, mas tudo fica debaixo de neve, Rio de Janeiro fica debaixo de neve, o planeta inteiro fica debaixo de neve para a chegada desse Deus. Ao contrário do aquecimento global, é um resfriamento, um congelamento global, pra acontecer essa história. Eu gosto sempre do que eu escrevi. De ficção eu gosto de todas as histórias, particularmente dessa que é a mais recente. Nos dois livros, eu terminava de escrever chorando. Nesse livro e em outro chamado *O Gosto da Prostituta*, meu livro de ficção anterior, eu bem me lembro de que escrevi chorando. Eu me comovi e tive até que me controlar pra não molhar o teclado do computador.

**PIBID-PORTUGUÊS:** Bom, nós percebemos que você gosta de escrever. Além dos livros de ficção, você também produz ensaios e desempenha seu papel na universidade. Então, como organiza o seu tempo para tantas atividades? Quando você costuma escrever?

**GB:** Eu dou aula em uma universidade noturna. Dou aula de formação de professores em uma universidade do estado do Rio de Janeiro. O professor da universidade pública tem a vantagem que deveria ser de todo professor, na verdade tinha que ser menos turmas, duas ou três trabalhando. Então, isso me dá mais tempo pra poder escrever. Eu escrevo, normalmente, todo dia de manhã. Acordo muito cedo e escrevo todo dia de manhã. Tenho essa disciplina de escrever sempre, então eu escrevo, porque eu me defino como pessoa que escreve. Muitas vezes, nunca escrevo assim “bate inspiração, escrevo e já está bom”. Não, eu tenho que reescrever várias vezes. Quase sempre que eu escrevo a primeira vez está ruim, então eu preciso reescrever, preciso revisar aquilo. Às vezes eu deixo de trabalhar alguns textos; preciso, às vezes, deixar de cumprir alguns trechos para trabalhar outros, para depois voltar a trabalhar nele. Eu preciso sempre trabalhar muito o texto. Não só não acredito em inspiração como, para mim, ela nunca chega. Ela chega depois de muito trabalho e muito trabalho de refazer até ficar legal de ler. Ser um texto que eu pegasse e dissesse “puxa, eu gostaria de ter escrito isso”.

**PIBID-PORTUGUÊS:** Você já tem algum outro livro em construção ou alguma obra que esteja em fase de construção?

**GB:** Não, tenho só esse texto, vai sair esse romance *Nanook* no início de 2016, pela Rocco e estava fazendo o ensaio agora que é a biografia de um filósofo tcheco que eu estudo há muito tempo, que migrou para o Brasil fugindo dos nazistas e aqui ele ficou 32 anos publicando suas obras. Escreveu sua obra em quatro línguas: alemão, português, inglês e francês. E ele é um personagem, um personagem gringo. Então eu estou agora escrevendo a biografia dele, junto com um professor suíço. Eu escrevo meu texto em português, ele me entende e aí ele escreve e vai traduzindo o texto para o alemão e eu consigo ler o texto em alemão e vou traduzindo o texto dele para o português. Aí até publicar simultaneamente em português e alemão. E, é claro, tem uma série de outros projetos, mas eu tenho que acabar um projeto primeiro para entrar em outro. Eu não consigo escrever dois livros ao mesmo tempo. Então, a partir do momento que eu acabar a biografia, vou pensar em um próximo projeto. Eu tenho uns três projetos, mas eu não sei qual vai continuar na minha cabeça. Eu fico atordoado, são muitas e eu vejo se a ideia insiste comigo. Se ela insistir, vai sair o romance e se eu esquecer é porque não é pra sair.

**PIBID-PORTUGUÊS:** O livro *A Filha do Escritor* faz parte do PNBE e, no caso, passou a ser lido por todo o Brasil. Você acredita que isso contribuiu para que mais pessoas conhecessem sua obra?

**GB:** Eu acho que sim. É um livro que foi bastante divulgado, foi distribuído para escolas do país inteiro através do PNBE... Eu acho que sim. Então eu acho que contribuiu para a discussão. É um livro, também, que o personagem parece um médico, mas na verdade, ele é o leitor. Então, isso de certa maneira, o leitor também é um personagem e sempre vai ter aquela interface, aquela difícil fronteira entre leitura, poesia, loucura, a ilusão, a ficção, a realidade. Na verdade, isso já está nos outros livros, mas eu tento explorar essas fronteiras, quebrando-as. Então, acho que isso ajudou. Só ajudou as pessoas a conhecerem um pouco mais da obra.

**PIBID-PORTUGUÊS:** Quanto tempo você levou para escrever a obra *A Filha do Escritor* e qual a sensação de escrever um livro que fez sucesso?

**GB:** Eu levo algo em torno de um ano a um ano e meio escrevendo cada livro. Quer dizer, é óbvio que eu levo muito tempo antes pensando, anotando e, quando eu começo a escrever, eu levo menos de um ano para fazer. É sempre esse esquema: escrever todo dia e reescrever muito. “A filha do Escritor” é um dos livros que eu começo de um jeito e, quando eu vejo que o caminho não está bom, eu recomeço. Às vezes, eu jogo fora cinquenta páginas, sessenta páginas. Jogo fora, delete mesmo para ninguém descobrir das coisas que eu não gostei depois. Só que eu não lamento de ter jogado fora... Tipo, faz parte do processo. Escrever e ver que não ficou bom, recomeçar. Então, esse foi um dos livros que eu tive dificuldade porque o personagem da Lívia é um personagem muito forte e o próprio Machado de Assis, de início, não era para entrar e, de repente, ele entra na história e começa a dialogar com um médico que não é médico, que é o bibliotecário que não é o bibliotecário, que é o leitor, quer dizer, que começa a dialogar com esse personagem. O Machado de Assis entrou meio de intrometido e, às vezes, acontece muito isso. Não sei. Pra mim, eu tive vontade de ter a história e começo a brincar. De repente, o Machado entra na história e depois que ele entrou ficou bom, aí a brincadeira ficou séria. E aí ele começa a dialogar com o próprio Machado de Assis na história.

**PIBID-PORTUGUÊS:** Na obra *A Filha do Escritor*, algum personagem citado na história é inspirado no cotidiano?

**GB:** Parte da minha vivência com Machado, como professor, da minha vivência com mulheres, da minha vivência com médicos, com literatura e com loucuras. Tudo isso está ligado à parte de mim, mas nada, em nenhum dos acontecimentos, foram os que me aconteceram, porque se eu colocar um episódio da minha vida no romance, é uma coisa chata, porque eu não vou conseguir dar distanciamento para criar uma atração para isso. Então é preciso sempre compor ideias. Às vezes eu sinto uma dor, mas eu não posso contar essa dor para os meus leitores, porque vai ficar chato. “O que eu tenho a ver com as dores dele?” Mesma coisa de um sonho. Se eu for contar o meu sonho para alguém, ele vai achar o meu sonho chato e vai ficar impaciente e até ele mesmo vai querer contar o seu próprio sonho. Todo mundo quer contar o seu próprio sonho, mas não quer ouvir o sonho do outro. Agora, se eu invento um sonho, é a parte que fica interessante. Eu invento um sonho a partir dos meus sonhos. Meu sonho ideal é um sonho inventado, eu não conto minha dor, eu invento outra dor a partir da minha dor. Então, é dessa maneira que eu junto o sonho das pessoas com a dor das pessoas. Junto com a dor das pessoas, eu encontro um canal para sair. Então essa é a ideia de que o leitor não lê a sua dor, mas a dor que ele lê, que não é nem a do escritor, deixa sair a sua própria dor. Deixa purgar, deixa caminho para a sua própria dor se transformar em outra coisa, por exemplo, da alegria e o prazer de ler.

**PROF.<sup>a</sup> IEDA:** Professor, bom dia. Está me ouvindo?

**GB:** Olá, bom dia. Estou ouvindo.

**PROF.<sup>a</sup> IEDA:** Sou a professora da turma que leu sua obra, *A filha do escritor*. Em parceria com a Universidade de Cornélio Procópio - UENP, nós desenvolvemos esse projeto do governo federal o PIBID, e eu queria agradecer imensamente por suas palavras, pela sua disponibilidade em nos atender. Foi um prazer imenso, os alunos estavam ansiosos por este momento, porque não é comum o contato entre o escritor e os seus leitores, então foi muito bom para a gente. Gostaria de dizer, ainda, que nós estamos há mais de um mês fazendo a leitura da obra, e nós vamos encaminhar para você, a apreciação de leitura dos alunos, porque tiveram muitas, se surpreenderam com o final... Enfim, muitas sensações apareceram durante a leitura do livro, e eu acho interessante nós repassarmos isso para você... Eu não sei se chamo de você, de professor, de escritor, porque você é tudo muita coisa, né?

**GB:** Pode chamar de professor, rs.



**PROF.<sup>a</sup> IEDA:** Eu agradeço em nome dos alunos, da Universidade e das coordenadoras, professoras Vanderléia e Ana Paula, que estão aqui presentes. Só mais um minuto, por favor, que uma aluna pediu a palavra para fazer mais um questionamento:

**Aluna:** Sua ideia era deixar o leitor meio suspeito no começo do livro sobre o que aconteceria no final?

**GB:** É... Eu acho que sim. Sim, a ideia é sempre deixar desconfiança, acho que a literatura faz isso, ela sempre dá índices, das indicações, de que vai acontecer alguma coisa, ou seja, a história que está sendo contada não é bem assim. Então você desconfia, por exemplo, do narrador. A ideia é forçar essa desconfiança. E nisso eu me inspiro no próprio Machado de Assis, que tem em seus romances o que chamamos de narrador não confiável. Você não deve confiar na narrativa dele, você deve suspeitar da forma que ele emite o discurso, para haver esse aprendizado com a suspeita, o aprendizado com a dúvida... Que é o aprendizado do próprio pensamento, e no fim duvidar é um aprendizado. Quem não duvida perde. Queria provocar essa dúvida desde o início, sempre.

**PROF.<sup>a</sup> IEDA:** Bem, pela inquietação dos alunos você percebe que a coisa iria se delongar. Mas a gente sabe que você tem um espaço bastante curto para nos atender, seu dia a dia é bastante ocupado... Muito obrigada por toda atenção que teve conosco.

Chegou em: 21-03-2016

Aceito em: 02-04-2016